

TELES, Gilberto Mendonça — *O Conto Brasileiro em Goiás*. Goiânia, Departamento Estadual de Cultura, 1969, 153 p.

A intenção confessada de Gilberto Mendonça Teles é a de apreciar, tanto quanto possível, a produção literária goiana, cujas origens e limites não foram até então devidamente estudados. Por essa razão, anterior a este ensaio, deu êle à publicação um outro sobre *A Poesia em Goiás* (1964).

O volume inicia-se com uma retrospectiva rápida do conto no Brasil, dando como data de seu aparecimento o Romantismo (p. 15) e como revitalização do gênero a data de 1946 com *Sagarana* (p. 19). Segue-se um esboço do panorama cultural goiano que se consolida a partir dos anos 30, após o aparecimento do Instituto Histórico e Geográfico, reestruturação da Academia Goiana de Letras, "Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos" e das Universidades (p. 25).

Aproximando-se da sistematização sociológica de literatura, proposta por Antônio Cândido, G.M.T. localiza em fins do século XVIII as primeiras "manifestações literárias", pois "foi por volta de 1790 que Bartolomeu Antônio Cordovil, pseudônimo de Antônio Lopes da Cruz, escreveu em Mela-Ponte (Pirenópolis) o seu «Ditirambo às ninfas goianas», o mais antigo poema de que se tem notícia em Goiás" (p. 29). Todavia a literatura só vai se erigir como sistema na virada do último século com Manuel Lopes de Carvalho Ramos, cuja produção ocasionou "certo movimento literário nos jornais do fim do século e uma preocupação editorial nos primeiros anos de 1900" (p. 30).

Atribui-se a autoria dos primeiros contos goianos a Henrique Silva, Zeferino de Abreu, Gastão de Deus Vitor Rodrigues e Pedro Gomes, mas seu caráter anedótico impede de classificá-los como tal, antes remetendo-os para a lista de crônicas onde ficariam melhor instalados. A tradição efetiva parte de Bernardo Guimarães e Afonso Arinos e, depois de algumas vacilações e tentativas de menor mérito, o gênero se afirma graças à contribuição vigorosa de Hugo de Carvalho Ramos, cujas *Tropas e Boiadas* (1917), iriam inaugurar no Brasil, segundo Lúcia Miguel Pereira, em citação do ensaísta, uma nova fase do Regionalismo nacional. Se algum reparo crítico deve ser feito à obra de H. C. R., o A. lembra o sacrifício, didaticamente falando, da "forma" em benefício do "fundo", pois, vez ou outra, H.C.R. perseguiu "uma intenção deliberada de pôr à mostra os velhos hábitos de exploração social no trabalho do campo, nas fazendas e na antiga profissão de tropeiro. E tal preocupação não deixou de trazer-lhe efeitos estilísticos negativos, uma vez que em determinados trechos da novela «Gente de Gleba», existe a diluição do escritor e o aparecimento do sociólogo" (p. 49). Na verdade, as restrições que possam ser feitas a *Tropas e Boiadas* esfumam-se perto do entusiasmo das apreciações críticas de Mário de Andrade, de Cavalcanti Proença ou de G.M.T. que, com expressiva acuidade, aponta a conotação de síntese do título da obra, ao afirmar que o povoamento goiano se fizera por duas vertentes: "uma que vinha do sul do País, num contacto mais ou menos oficial e com a finalidade de manter o comércio entre o sertão e o litoral, e tendo nas tropas e nos tropeiros o seu veículo de realização; outra, através das boiadas que, pelo sertão nordestino, subindo naturalmente o curso do São Francisco e penetrando, em forma de leque, por vários caminhos, atingiu o norte, o nordeste e o leste do Estado de Goiás, estabelecendo assim, no Planalto, o ponto de convergência não só das populações, mas, com elas, o contato cultural inevitável, misturando usos e costumes, crenças e tradições, numa legítima simbiose brasileira, ainda em via de processamento" (p. 51).

A preocupação sistematizadora do presente ensaio isola duas direções no conto de Goiás: Uma, "intelectualista", derivada de H.C.R.; outra, "primitivista", descendendo de Pedro Gomes. O que as diferencia é a densidade do poder criador, da transformação, da força da "mimesis". Aquela escapa do anedótico, do episódico em que esta se enreda. E outro elemento de valor que vem engrossar a primeira tendência é Bernardo Ellis, cujos livros (*Êrmos e Gerais* — 1944; *Caminhos e*

*Descaminhos* — 1964; *Veranico de Janeiro* — 1966) vêm sofrendo um processo gradativo de elaboração estética, preocupados que estão não mais em contar simplesmente uma estória, mas em como fazê-lo. Segundo o A., uma das razões que tem comprometido seriamente o valor dos livros encaixados na perspectiva "primitivista" é o apelo linguístico, visto exóticamente, "como se fôsse condição inevitável para a autenticidade da obra o emprêgo deformado da linguagem coloquial" (p. 64), a ponto de ser preciso a inserção de um glossário no fim do livro. Ora, "o glossário vale, no caso, como uma confissão de que não se trata de linguagem de uso nacional" (p. 135). Lamentavelmente, W. Bariani Ortêncio incide nessa mesma falha, exibindo "preocupação constante de registrar a «fala» regional, infundindo à sua obra um testemunho linguístico que lhe falseia de vez em quando o estilo" (p. 81). Não obstante esse falseamento, críticos como A. Cassais Monteiro não lhe pouparam elogios (p. 80), concordando com o ensaísta que, lentamente Bariani Ortêncio atingirá lugar de destaque dentro de nossa literatura.

Seria fastidioso enumerar os autores em atividade, arrolados por G.M.T., contudo não seria demais citar José J. Veiga, Alair Barbosa, Altamiro de Moura Pacheco, Humberto Crispim Borges, Miguel Jorge e Nancy Ortêncio / Ivo Curado. Estes dois últimos, dentro da literatura infantil, autores de *O Muro que Voava/Estórias do Cerrado* (p. 108).

Restam dois capítulos: "Fontes e Influências" (p. 115) e "Evolução do Conto Golano" (p. 129). Quanto ao primeiro é ocioso insistir sobre o peso que representam Hugo de Carvalho Ramos e Guimarães Rosa. Quanto ao segundo, a esquematização final das linhas mestras — "intelectualista" e "primitivista" — já referidas acima. Arrematando: o último balanço pende em favor da prosa de ficção, "enquanto a poesia e outros gêneros ainda não ganharam maior relevo, situando-se em plano evidentemente inferior" (p. 137).

O ensaio em causa, dado seu caráter panorâmico, incorre em algumas concessões que gostaríamos de ver suprimidas em oportunidade posterior quando seu A. se dispuser a aprofundar mais certos pontos. Se dissemos concessões, cremos não haver exagerado, pois é o próprio A. quem admite faltar a Cronônio Ramos, por exemplo, "maior sópro de criação, mais atualidade expressiva e, sobretudo, a capacidade para construir uma obra capaz de situar-se no nível literário já atingido pela prosa em Golás" (p. 105).

Mais.

Se pedimos a supressão em outro estudo, desde que já se arrolou o nome neste, é porque apreciaríamos ver outros dados analisados mais verticalmente, como: a linha "primitivista" e a "intelectualista", o exotismo linguístico falseando a obra, a influência de Guimarães Rosa, por exemplo. Tudo isso onde não haja sobrecarga de citações abonando os juízos emitidos ou, se fôr necessário, que sejam feitas com maior rigor, dentro ou fora do corpo do ensaio. E, por fim, que atinja os objetivos como este o fez. — ANTONIO DIMAS.

*An Anthology of Brazilian Modernist Poetry* — With Notes and Introduction by Giovanni Pontiero. London, Pergamon Press, 1969, 245 pp.

O aparecimento desta antologia organizada por Giovanni Pontiero, professor de literatura latino-americana na Universidade de Liverpool, não vem senão comprovar a seriedade com que estão sendo desenvolvidos cursos de literatura brasileira nos diversos centros universitários europeus e americanos. Trata-se, salvo engano, da primeira antologia de poesia brasileira moderna, publicada na Inglaterra, e que dá continuidade à tentativa pioneira de Leonard S. Downes (*An Introduction to Modern Brazilian Poetry*. S.P., Club de Poesia do Brasil, 1954) e à de John Nist (*Modern Brazilian Poetry: An Anthology*. Bloomington, Indiana University Press, 1962).